

GÊNESE E EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE FUMO E LEITE NO MUNICÍPIO DE ORLEANS (SANTA CATARINA)

Otávio Cascaes Montanha ¹

RESUMO

Apesar da baixa participação na economia nacional, a produção de fumo e leite têm grande importância quando analisada sob a ótica regional e local. Em Orleans, município localizado na mesorregião Sul catarinense, estas culturas compõem a maior parte do Valor Adicionado Bruto de produção agropecuária, revelando-se de grande valia para a população rurícola. Diante disso, o presente trabalho objetiva compreender como nasceram e evoluíram estas atividades no espaço rural orleanense. Para isso, adotou-se os referenciais teórico-metodológicos da Formação Sócio-Espacial (Milton Santos) aliado à interpretação da industrialização brasileira via pequena produção mercantil (Armen Mamigonian). Por meio da coleta de informações em entrevistas junto aos produtores rurais e análise de dados quantitativos do IBGE foi possível observar o papel da introdução dos sistemas integrados e, conseqüentemente, da incorporação de novas técnicas na desintegração do complexo rural orleanense. A gênese da produção de tabaco e leite coincidem com a colonização das terras da área de estudos, contudo as relações capitalistas de produção se aprofundaram com a expansão dos complexos agroindustriais sediados em diversas mesorregiões de Santa Catarina, culminando na integração dos produtores orleanenses.

Palavras-chave: Formação sócio-espacial, Pequena produção mercantil, Sistemas integrados, Espaço rural orleanense.

RESUMEN

A pesar de su baja participación en la economía nacional, la producción de tabaco y leche tiene gran importancia cuando se analiza desde una perspectiva regional y local. En Orleans, municipio ubicado en la mesorregión sur de Santa Catarina, estos cultivos constituyen la mayor parte del Valor Agregado Bruto de la producción agrícola, demostrando ser de gran valor para la población rural. Ante esto, el presente trabajo tiene como objetivo comprender cómo nacieron y evolucionaron estas actividades en la Orleans rural. Para ello, se adoptaron los referentes teórico-metodológicos de la Formación Socioespacial (Milton Santos) combinados con la interpretación de la industrialización brasileña a través de la pequeña producción mercantil (Armen Mamigonian). A partir de la recopilación de información en entrevistas con productores rurales y el análisis de datos cuantitativos del IBGE, fue posible observar el papel de la introducción de sistemas integrados y, en consecuencia, la incorporación de nuevas técnicas en la desintegración del complejo rural en Orleans. La génesis de la producción de tabaco y leche coincide con la colonización de las tierras del área de estudio, sin embargo, las relaciones capitalistas de producción se profundizaron con la expansión de complejos agroindustriales radicados en diferentes mesorregiones de Santa Catarina, culminando con la integración de los productores de Orleans.

Palabras clave: Formación socioespacial, Pequeña producción mercantil, Sistemas integrados, Espacio rural de Orleans.

INTRODUÇÃO

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, otaviocmontanha@gmail.com;



O Brasil é o maior exportador e terceiro maior produtor mundial de tabaco, atrás da China (1ª posição) e Índia (2ª posição) (Faostat, 2021). Em relação à produção leiteira, o relatório da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (Fao, 2022), indica que o Estado brasileiro foi o sexto maior produtor global de leite e derivados. Ainda que estas culturas possuam baixa participação na pauta de exportações e composição do valor adicionado bruto (VAB) agropecuário do país, quando analisadas sob a ótica regional e/ou local, caracterizam-se como de grande importância para o pequeno produtor rural, por vezes, representando a sua maior fonte de renda.

O município de Orleans, localizado na mesorregião Sul de Santa Catarina (figura 1), tem 23.661 habitantes (IBGE, 2023)² e Valor Adicionado Bruto (VAB) dividido em: Agropecuário – 13,14%; Industrial – 26,53%; e Comércio e Serviços – 60,33% (ver tabela 1). Os principais gêneros responsáveis pela geração de valor no setor agropecuário local são respectivamente, o fumo (39,86%) e leite (23,80%), a junção de ambos corresponde à 63,66% do VAB Agropecuário. Relativo à produção agrícola municipal (lavouras temporárias e permanentes), a qual compõe o setor agropecuário, o fumo representou 85,05% do valor de produção, ao passo que a extração leiteira correspondeu à 80,86% da produção pecuária municipal (leite, ovos de galinha, mel etc.) (IBGE, 2019b e 2019c).

Por fim, a soma dos valores da produção agrícola, pecuária, silvicultora e aquicultura municipal totalizaram 86,03% do VAB Agropecuário. Supõe-se que os outros 13,97% restantes são referentes à comercialização de porcos, aves e gado de corte, calculados pela última vez no Censo de 2017, não tendo informação para 2019. Dessa forma, qualifica-se previamente que o fumo e o leite são as principais fontes de renda dos produtores rurais orleanenses³.

Tabela 1 – Participação do Valor Adicionado Bruto (VAB) total e em porcentagem (%) por setor econômico de Orleans em 2019

Setor	VAB (R\$)	VAB (%)
Agropecuária	103.863.183R\$ ⁴	13,14%

² Censo de 2022.

³ Gentílico de Orleans.

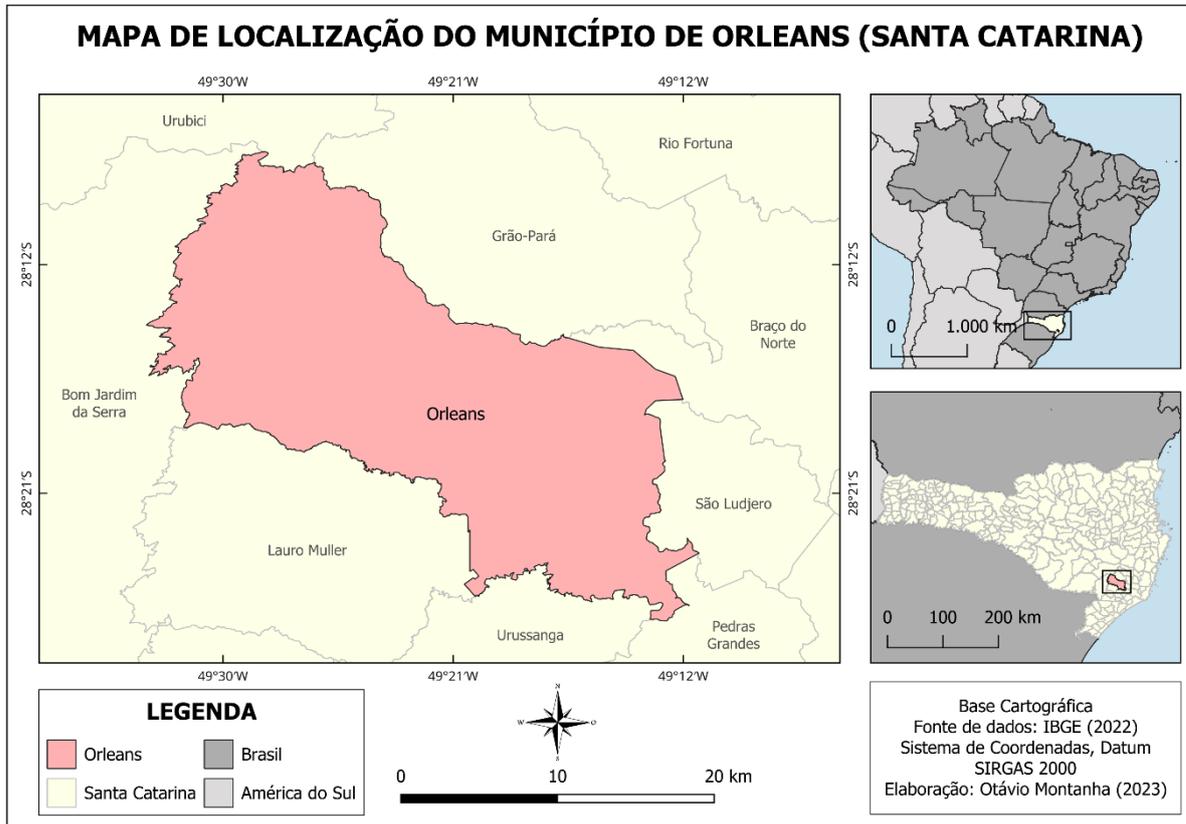
⁴ O valor da produção agrícola (lavouras temporárias e permanentes) foi de 47.984.000R\$. O fumo representou 41.400.000R\$, isto é, 86,28% do valor estimado. A produção pecuária municipal (leite, ovos de galinha, mel etc.) girou em torno de 30.573.000R\$, somente a produção leiteira equivaliu a 24.720.000R\$ (80,86%) do total produzido (IBGE, 2019b e 2019c). Por fim, a silvicultura e aquicultura totalizaram, respectivamente, 9.510.000R\$ e 1.282.000R\$ (IBGE, 2019d). A soma dos valores da produção agrícola municipal, produção pecuária municipal, silvicultura e aquicultura corresponde à



Indústria	209.628.603R\$	26,53%
Comércio e Serviços	476.734.619R\$	60,33%
Total	790.224.405R\$	100%

Elaboração: Otávio Cascaes, 2022. Fonte: IBGE (2021a).

Figura 1 – Mapa de localização do município de Orleans, Santa Catarina



Elaboração: Otávio Cascaes, 2023.

Revelado que ambos os produtos tiveram peso significativo no valor de produção agrícola e pecuário, faz-se pensar que são de grande valia para as famílias rurícolas e, conseqüentemente, para a economia regional⁵. Assim, a partir do fato supracitado, aliado à carência de material acadêmico sobre a temática investigada, questiona-se: como nasceram e evoluíram a produção destas culturas?

Dessa forma, tem-se como objetivo compreender a gênese e evolução da produção fumageira e leiteira no município de Orleans (Santa Catarina). E mais especificamente, revisar

89.349.000R\$ (86,03%), restando 14.514.000R\$ (13,97%) para totalizar o VAB Agropecuário (103.863.183R\$) (IBGE, 2019b, 2019c e 2019d).

⁵ As unidades produtivas de fumo e leite consomem insumos e serviços que movimentam o conjunto da economia (agrônomo, veterinários, agropecuárias, instrumentos e demais equipamentos de produção etc.)

a inserção da produção leiteira e fumageira do município na formação sócio-espacial regional do Sul de Santa Catarina.

Estima-se, inicialmente, a hipótese de que a gênese da produção de tabaco e leite coincidem com a colonização das terras da área de estudos, contudo às relações capitalistas de produção se aprofundaram com a expansão dos complexos agroindustriais sediados em diversas mesorregiões de Santa Catarina, culminando na integração dos produtores orleanenses.

METODOLOGIA

O estudo proposto utilizou informações qualitativas e quantitativas que se complementam e são importantes para alcançar os objetivos da pesquisa (Minayo, 2001). Assim sendo, fez-se uso do método exploratório e empírico-analítico, que segundo Gil (2008), diz respeito ao levantamento bibliográfico e documental, à realização de entrevistas e à utilização de técnicas de coleta, tratamento e análise de dados quantitativos.

Para tanto, realizou-se: a) revisão bibliográfica acerca da produção leiteira e fumageira, mais detalhadamente de Orleans. b) levantamento e análise de dados estatísticos oriundos dos Sistemas de Contas Nacionais e Regionais, Pesquisa Agrícola Municipal, Pesquisa da Pecuária Municipal, Censo Agropecuário e demais estudos disponíveis no Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). c) análise e sistematização de informações obtidas em visitas e entrevistas à produtores rurais, estabelecimentos agropecuários, agroindustriais e gestores públicos do município de Orleans, como também em duas propriedades agropecuárias nos municípios de Turvo (SC) e Morro Grande (SC); e d) redação final.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de buscar compreender o processo histórico de gênese e evolução das culturas do fumo e leite no município de Orleans, fez-se uso da categoria de análise da Formação Socioespacial, proposta por Santos (1977). Pois, está “categoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades [...] a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com qual o grupo se confronta (Santos, 1977, p. 81 e 82). Para tanto, se faz necessário “definir a especificidade de cada formação, o que a distingue das outras, e, no interior da F.E.S., a apreensão do particular como uma cisão do todo” (Santos, 1977, p. 84)”. Com base nessa perspectiva teórica, em conjunto com a gênese e dinamismo da industrialização brasileira e catarinense, relacionada com a pequena produção



mercantil estudada pelo geógrafo Armem Mamigonian (1965, 1966, 1986 e 2011), deu-se subsídios para à análise da unidade regional.

Além desta introdução, o artigo estrutura-se em outras quatro partes. Na segunda sessão, discorre-se acerca da inserção de Orleans na formação sócio-espacial do Sul de Santa Catarina, especificando as principais características de sua formação e ocupação, como também os eventos históricos (sobretudo nacionais) que condicionaram os rumos da produção agropecuária no município. Em seguida, na terceira e quarta sessão, respectivamente, trata-se da gênese e evolução das culturas do fumo e leite. E finalmente, na quinta sessão, as conclusões.

A INSERÇÃO DE ORLEANS NA FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL REGIONAL DO SUL DE SANTA CATARINA

O território catarinense, à grosso modo, apresenta duas formações sociais e econômicas distintas. O latifúndio pastoril, baseado na grande propriedade, associada a pequena produção posseira cabocla e outra assentada na pequena propriedade, isto é, a pequena produção mercantil⁶ (Veira e Pereira, 2009 e Mamigonian, 2011). Enquanto a primeira está ligada à ocupação paulista no planalto serrano e norte (séc. XVIII)⁷, a segunda manifestou-se nas áreas de ocupação açoriano-madeirense litorâneas (séc. XVIII), europeias – sobretudo alemãs e italianas - das vertentes atlânticas norte e sul (séc. XIX) e da mesorregião oeste (séc. XX) (Mamigonian, 1966, 1986).

No interior de cada formação regional existe um elemento comum que garante unicidade no desenvolvimento de sua composição territorial. Neste aspecto, a dinâmica de acumulação do Sul de Santa Catarina tem unidade em um fundamento geográfico-econômico, isto é, a sua especificidade frente as demais regiões, o carvão (Mamigonian, 1965 e 1966).

A descoberta de depósitos carboníferos na mesorregião Sul catarinense, e por conseguinte sua exploração, deu estímulos à demanda regional, alavancando as colônias já existentes e induzindo o aparecimento de novos núcleos coloniais no seu entorno (Dall’Alba,

⁶ “Chamamos pequena produção mercantil a organização econômica na qual prevalece a produção para a troca por parte de produtores que continuam senhores de suas condições de produção” (Mandel, 1982, p. 28). “Na pequena produção mercantil, o pequeno agricultor e o pequeno artesão vão ao mercado com os produtos do seu trabalho. Vende-nos a fim de comprar os produtos de que necessitam para o seu consumo corrente e que eles próprios produzem. A sua atividade no mercado pode resumir-se na fórmula: vender para comprar” (Mandel, 1982, p. 29).

⁷ “Nos campos naturais do planalto de Lages e Canoinhas, os caminhos de gado e áreas de invernadas, como também a extração de madeira, foram fatores preponderantes para a formação de grandes propriedades na região” (Mamigonian, 1986 p. 61).

2003 e Montanha, 2022). Em vista disso, a fim de escoar a produção carvoeira, construiu-se a Estrada de Ferro Thereza Christina, inaugurada em 1884, unindo o interior da vertente atlântica ao litoral meridional (portos de Laguna e Imbituba) (Goularti Filho, 2013).⁸

Como consequência, a Colônia de Grão-Pará (1882) foi fortemente influenciada por esta estrutura, estabelecendo núcleos coloniais próximos à região das minas e aos trilhos do trem, visando à produção interna maior facilidade de acesso aos mercados consumidores (Dall’Alba, 2003 e Montanha, 2022). Assim, nas margens do Rio Tubarão e como sede meridional da colônia, surgiu Orleans do Sul (1885)⁹, tornando-se distrito de Tubarão em 1888 e adquirindo autonomia político-administrativa em 1913 (Montanha, 2022).

Com base nos estudos de Dall’Alba (1986 e 2003), evidencia-se que durante os primeiros anos de Orleans surgiram pequenos artesanatos rurais (atafonas, engenhos de açúcar, serrarias, olarias etc.), e urbanos (sapatarias, padarias, ferrarias, serrarias, fábricas de banha etc.) que abasteciam toda a região, além do mais, o excedente agrícola produzido pelas famílias era manufaturado e posteriormente negociado no mercado, bem como alimentos *in natura*.

Sob o domínio de técnicas rudimentares de produção, como a coivara, plantava-se feijão, mandioca, batata, indaiá, parreiras, laranja, algodão, fumo etc. além da criação de animais (suínos, equinos, bovinos, caprinos e aves), dos quais carneavam-se, extraíam o leite, couro etc. e/ou eram utilizados como força de trabalho dentro das propriedades rurais (Dall’Alba, 2003 e Montanha, 2022).

⁸ O carvão catarinense, do tipo hulha, contém elevada concentração de rejeito pirotoso, reduzindo a sua utilidade. Assim, poucos anos após o início das atividades, a extração seguiu em estágio artesanal até o advento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando a contração do comércio internacional culminou na necessidade do país em substituir importações, reforçando o investimento no modal carbonífero (Mamigonian, 2011). Além disto, em 1931, Getúlio Vargas estipula 10% de reservas de mercado, elevando o valor para 20% em 1937, e posteriormente, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a economia carvoeira adquire um novo impulso, levando a Companhia Siderúrgica Nacional instalar um lavador no município de Tubarão em 1946 (Goularti Filho, 2013). No mais tardar, por volta de 1960 e 1970, ampliou-se o complexo carbonífero catarinense por meio da criação da termoeletrica Jorge Lacerda (1965) e da Indústria Carboquímica Catarinense (ICC) (1979) (Goularti Filho, 2013). Todavia, durante o último decênio do século XX, a adoção de políticas neoliberais (abertura econômica, fim das reservas de mercado etc.) iniciou o desmanche do parque industrial brasileiro e, conseqüentemente, à indústria carvoeira barriga-verde (Mamigonian, 2011 e Goularti Filho, 2013).

⁹ As primeiras formas de ocupações não indígenas tiveram início na primeira metade do século XIX por três famílias nacionais. Eram os sesmeiros de sobrenome: Pacheco (1807), Miranda (1840) e Rabello (1840) (Dall’Alba, 2003 e Montanha, 2022). Posteriormente, junto à ocupação em torno da sede da Colônia de Grão-Pará, em 1882, outros nacionais iniciaram a ocupação no núcleo colonial de Rio Pinheiros e, mais tarde, na mesma comunidade chegaram os italianos de Ala (Trento) em 1883 (Dall’Alba, 2003). No ano de 1885, a Empresa de Terras decidiu construir uma sede meridional, próximo à estrada de ferro, criando Orleans do Sul, dando origem ao atual município de Orleans (Montanha, 2022).



Com a Revolução de 1930 e, conseqüentemente, a ascensão de um novo pacto de poder entre os fazendeiros ligados ao mercado interno (originários do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba) e a burguesia industrial nascente, instituiu-se a industrialização brasileira (Rangel, 2005)¹⁰. Dessa forma, cria-se um estímulo à produção de alimentos básicos (arroz, carne, feijão e mandioca) para a nova classe de trabalhadores urbanos, entrando em declínio a agricultura ligada ao capital mercantil (Delgado, 1997).

Conforme os dados do Censo Agrícola de 1950 (IBGE, 1955), em 1949, a mandioca, ao lado da cana-de-açúcar, laranja e do milho, eram os três principais gêneros agrícolas de Orleans: de 2.089 estabelecimentos agropecuários, 1.371 produziram 24.328 toneladas de mandioca, do total, 14.707 toneladas foram transformadas em farinha ou fécula.¹¹

No entanto, o relevo colinoso e a natureza geológica¹² dos solos tornaram-se fatores limitantes para a acumulação de capital baseada em uma economia agrícola. Assim, o estímulo à acumulação de capital foi renovado através da introdução dos sistemas integrados que viabilizaram a produção fumageira, adaptada “aos solos menos valorizados, inclusive de difícil mecanização em função da topografia, necessitando apenas de corretivos para acidez” (Antunes, 2006, p. 78).

GÊNESE E EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO FUMAGEIRA EM ORLEANS

A Souza Cruz (criada em 1955, sucessora da The Brazilian Tobacco Corporation) foi pioneira no processo de integração das famílias orleanenses que, em um primeiro momento, sentiram-se receosas devido às lendas e mistificações em torno do fumo (Souza, 2005). Além disso, em toda região Sul, fez-se necessário convencer os agricultores de que a plantação

¹⁰ A Revolução de 1930 deu fim à República Velha (1889-1930), caracterizada pelo pacto entre fazendeiros exportadores e capital comercial (Rangel, 2005).

¹¹ A importância atribuída ao produto deve-se à duas características: a) apesar de seu ciclo ser de 12 a 18 meses, ela pode ficar até três (3) anos armazenada na terra; e b) ela pode ser transformada em fécula e/ou farinha, tendo duplo aproveitamento (alimentação e comercialização) (Paulilo, 1990).

¹² O território do município em questão se divide em duas unidades geológicas distintas. O escudo cristalino da Era Pré-Cambriana (a leste, onde predominam granitos e gnaisses); e a Bacia Sedimentar do Paraná da Era Paleozoica (a oeste, com predomínio de folhelhos). Em ambas as formações prevalecem relevos colinosos, sendo respectivamente, na primeira unidade, com formas mais íngremes em contraponto a segunda unidade, paleozoica, com formas mais suaves. O clima subtropical garante disponibilidade de água ao longo de todo ano, originando solos ácidos em função da lixiviação, o que favorece a concentração de alumínio trocável (Al^{+3}).

fumageira seria mais rentável do que a mandioca (Paulilo, 1990), explicando o porquê o Censo de 1950 registrou apenas 6 toneladas de tabaco colhidos no município em 1949 (tabela 2).

A penetração dos Complexos Agroindustriais (CAI's) no espaço rural fez uso das estruturas de propriedade familiar, mantendo as características fundiárias dos produtores, ao passo que instituiu um elemento novo: as relações capitalistas de produção. Segundo Graziano da Silva (1996, p. 31), os CAI's surgem

[...] a partir da integração técnica intersetorial entre as indústrias que produzem para a agricultura, a agricultura propriamente dita e as agroindústrias processadoras, integração que só se torna possível a partir da internalização da produção de máquinas e insumos para a agricultura. Sua consolidação se dá pelo capital financeiro, (...) e das políticas de agroindustrialização específicas instituídas a partir dos chamados fundos de financiamento. O ponto fundamental que qualifica a existência de um complexo é o elevado grau de relações interindustriais dos ramos ou setores que o compõem.

As forças produtivas, ainda bastante rudimentares¹³, passam a fazer uso de adubos, aperfeiçoamento genético etc. que resultaram em melhorias da planta, adequando a produção as exigências do mercado internacional, enquanto a incorporação de técnicas fez com que o fumicultor, antes subordinado ao capital comercial, pactua-se com o industrial (Vogt, 1997).

Ao invés de serem fregueses dos comerciantes, os colonos passaram a ser “fregueses” das agroindústrias. Por este tempo, também acentuou-se a perda de autonomia no processo de trabalho dos produtores familiares de tabaco. A Souza Cruz, por exemplo, passou a fornecer aos colonos, como forma de adiantamento, as sementes e o adubo cujo valor era descontado por ocasião da entrega da safra. O mesmo ocorreu com o capital necessário à edificação das estufas. Este era descontado em parcelas, durante cinco anos, quando da entrega da produção. A empresa comprometia-se, ainda, com a assistência técnica “gratuita”, realizada pelos instrutores da companhia (Vogt, 1997, p. 108).

A introdução do sistema integrado, conseqüentemente do emprego de tecnologia, elevou, no decorrer dos anos, o volume da produção fumageira, tornando-se a principal vocação agrícola do município, podendo ser observada no incremento do valor da produção municipal ao longo dos anos (tabela 2 e 3). Contudo, não foi possível proporcionar acumulação necessária

¹³ O Censo Agrícola de 1950 (IBGE, 1955), com dados de 1949, mostra-nos que os instrumentos mais modernos eram aradores de disco, aiveca, grades, rolos, algumas poucas semeadeiras, pulverizadores e polvilhadeiras. Na década seguinte os tratores são lançados nas propriedades e, à medida do tempo, são difundidas novas tecnologias no campo, tais como arados de tração mecânica e colhedeiros (datados em 1970) máquinas de plantio e colheita (datados em 1980) (IBGE, 1975 e 1983)

para inversões diretas em atividades industriais e outros ramos, tendo em vista os mecanismos de exploração das empresas integradoras.¹⁴

A origem dessa relação desigual está na operacionalização da integração produtor/indústria mediante a celebração de contratos de fomento, produção e comercialização. Essa característica marca a dependência e a subordinação do agricultor aos interesses da indústria e o caráter de exclusividade que rege essa relação. (Dutra e Hilsinger, 2013, p.29 e 30)

Para Souza (2005, p. 23) “a falta de conhecimento de gestão fez com que os produtores não conseguissem fazer com que o trabalho apresentasse maior rentabilidade”. Dessa forma, o autor subestima os produtores rurais através de um argumento generalizante e sem fundamento, além de ignorar a principal causa limitante do processo de acumulação: a mais-valia.

Como discutido previamente, o direcionamento da agropecuária para os sistemas integrados, apesar das contradições instaladas, ampliou o poder de consumo das famílias camponesas, movimentando às atividades comerciais e de serviço locais.

Tabela 2 – Quantidade produzida, valor de produção e área colhida de fumo em Orleans, SC (1949-1994)

Ano	1949	1959	1970	1974	1984	1994
Quantidade produzida (t)	6	661	1.803	2.244	4.575	4.930
Valor de produção no total agrícola (%)	-	-	-	36	56	63
Área colhida (ha) (%)	-	-	-	924 (8,93%)	2750 (29,58%)	2586 (32,41%)

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 1955), Censo Agropecuário (IBGE, 1967, 1975, 1983, 1997). Pesquisa Agrícola Municipal (IBGE, 2019b). Elaboração: Otávio Cascaes, 2022.

Mais recentemente, o Brasil assinou, em 27 de outubro de 2005, à Convenção Quadro para Controle do Tabaco (CQCT) (INCA, 2015). Conforme Santos (2019), ao aderir à convenção, o país impulsionou a adoção de medidas para restringir a oferta e o consumo do tabaco, impactando os produtores fumageiros. Ainda segundo a autora, observa-se na Região Sul uma redução de 26% na área plantada de tabaco e uma contração de 26,6% nas exportações

¹⁴ A experiência positiva com o fumo permitiu, com facilidades, a instalação do sistema integrado avícola iniciado na década de 1980, e em crescente expansão até 2019 (última data disponível, ver figura 4), garantindo junto à cultura fumageira maior segurança financeira através do incremento na renda familiar, incentivos, financiamentos etc. (Antunes, 2006). “Cinco empresas avícolas integradoras passaram a atuar no município: Seara Alimentos, Agrovêneto, Abatedouro Supremo, Granjas Wiper e Avícola Catarinense. Reúnem estas empresas um total de 111 integrados, dentre produtores de matrizes, aves de postura e de corte” (Antunes, 2006, p. 93).



entre 2005 e 2018 (Santos, 2019). Seguindo a tendência, Orleans, entre 2004 e 2019, teve queda na quantidade produzida de fumo em 27,67%, enquanto a área colhida reduziu 33,3%.

À primeira vista, o leitor desavisado poderia cometer um equívoco ao correlacionar a queda nos indicadores de produção (quantidade produzida, área colhida e valor de produção) com a adesão do país à CQCT. Contudo, na investigação de campo, que percorreu além de Orleans outros dois municípios do Sul de Santa Catarina, verificou-se um processo de concentração da produção nas últimas duas décadas.

O envelhecimento da população rural, associado ao êxodo de jovens para as cidades, tem levado algumas famílias abandonarem à produção de fumo devido ao desgaste da saúde física provocado pela intensidade do trabalho na lavoura, trocando o campo pela cidade ou a produção de tabaco pelo leite, já que é um trabalho menos desgastante, em termos relativos, e proporciona uma remuneração mensal.

Além disso, no mesmo período (entre 2004 e 2019), houve uma redução de 65,90% da área colhida quando somado todas as culturas, como da quantidade produzida de diversos alimentos (batata-doce, batata-inglesa, cana-de-açúcar, feijão, laranja, mandioca e milho) (IBGE, 2019b). Dessa forma, fortalece-se a ideia de concentração produtiva uma vez que: a) o fenômeno mencionado ocorre em diversas culturas, sobretudo naquelas que não são afetadas pela CQCT; e b) Os dados do Censo Agropecuário de 2006 e 2017¹⁵ revelam o caráter policultor das propriedades do Sul de Santa Catarina, bem como de Orleans, deixando claro que há uma tendência a este processo. Assim, demonstra-se a existência de uma falsa correlação na argumentação de Santos (2019).¹⁶

Tabela 3 – Quantidade produzida, valor de produção e área colhida de fumo em Orleans, SC (2004-2019)

Ano	2004	2009	2014	2019
Quantidade produzida (t)	5.724	4.852	5.187	4.140
Valor de produção em %	74	80	89	86
Área colhida (ha) (%)	2.700 (29,72%)	2.441 (38,48%)	2.295 (60,65%)	1.800 (58,10%)

¹⁵ IBGE (2006 e 2017)

¹⁶ A fragilidade de seu argumento reside na distorção dos julgamentos (vieses cognitivos), ou seja, na busca por padrões aonde eles não existem (apofenia), na heurística de disponibilidade (responder a pergunta problema de sua pesquisa com senso comum), falácia narrativa (correlação de eventos sem causalidade, abdicando de enxergar a complexidade dos fenômenos) e na busca por vieses de confirmação (procura por evidências que apenas confirmem a hipótese trabalhada). Para melhor compreensão ver Barros (2021).



Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal (IBGE, 2019b). Elaboração: Otávio Cascaes, 2022.

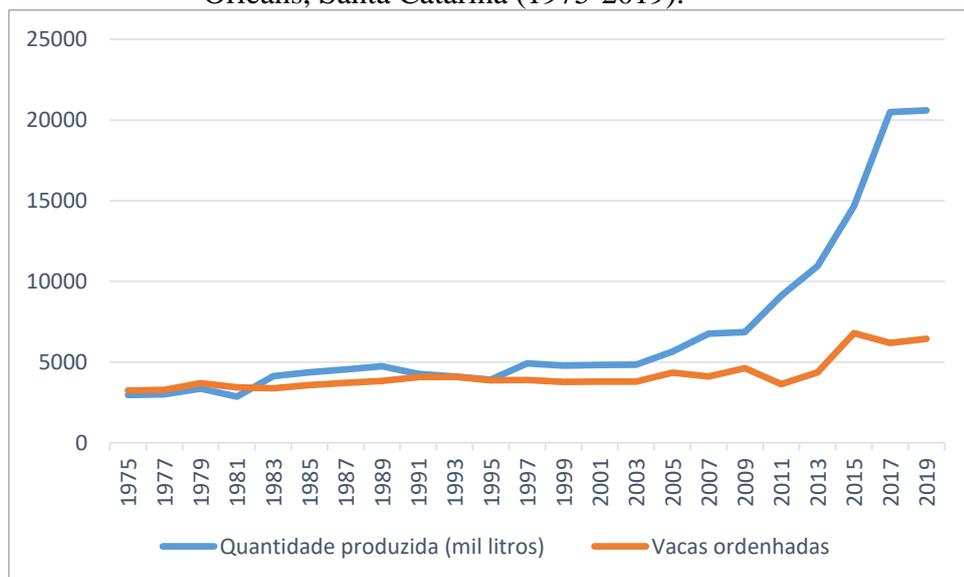
GÊNESE E EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO LEITEIRA EM ORLEANS

Assim como o fumo, em Dall’Alba (1986 e 2003), há registros da produção de leite desde o período colonial, configurando-se como atividade relacionada à cultura dos imigrantes europeus, sobretudo italianos e alemães, que se estabeleceram nas terras orleanenses.

O fornecimento de leite para os centros urbanos, até o início do século XX, era desempenhado pelas vacarias – propriedades especializadas na produção, aquisição e comercialização leiteira que ficavam localizadas no entorno das vilas – estas foram protagonistas na região Sul até a década de 1960, atendendo o mercado local e regional (Souza, 2014).

A partir de então, os investimentos no segmento permitiram a formação de novas empresas, como a Tirol (1974) – de Treze Tílias; e Do Vale (1976) – de Itajaí, que com a instalação dos postos de resfriamento tornaram viáveis a coleta de leite à maiores distâncias, também a integração dos pequenos agricultores de diversas regiões, como Orleans. Apesar de não termos dados do início da atuação destas empresas no município, nota-se uma horizontalização produtiva mais forte na década entre 1975 e 2003 (ver figura 2).

Figura 2 – Quantidade produzida de leite (em mil litros) e vacas ordenhadas em Orleans, Santa Catarina (1975-2019).



Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal (IBGE, 2019d). Elaboração: Otávio Cascaes, 2022.

Na esteira das políticas neoliberais da década de 1990 (abertura de mercado, fim do tabelamento dos preços e dos subsídios sociais) houve uma intensa desnacionalização do setor, enfraquecimento das cooperativas e ascensão de capitais internacionais (Souza, 2014). Neste cenário, a produtividade dos estabelecimentos produtores de lácteos permanecera estagnada.

Somente no início do século XXI, com a emergência do governo popular de Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), as políticas de subsídios retornaram, o que elevou a capacidade de investimentos de grupos nacionais na região Sul, “[...] gerando ganhos de competitividade da indústria nacional diante das de capital estrangeiro, formando uma estrutura oligopolista, tendo na captação da matéria-prima o principal momento de concorrência entre as empresas, gerando reflexos importantes sobre os produtores” (Souza, 2014, p. 269).

Para efeito de comparação, em 1975, no município de Orleans tinha-se uma média de 912,11 litros/vaca/ano, alcançando 1277,88 litros/vaca/ano em 2003. Com a ascensão de Lula, período em que vigorou as políticas de crédito agrícola em benefício da agricultura familiar (Pronaf, Pronamp etc.), além do aumento do poder de compra das famílias, observa-se um processo de verticalização que elevou a produtividade média, em Orleans, à 2.506,17 litros/vaca/ano em 2011.

Nas propriedades visitadas, em nossa área de estudos, a introdução da ordenha mecânica, inseminação artificial e transferência de embriões, passou a ser aderida em mais estabelecimentos na última década¹⁷, o que justifica ter atingido 3.193,79 litros/vaca/ano em 2019. Embora a primeira seja bastante difundida, poucas propriedades contam com a segunda e terceira, possuindo espaço para crescer ainda mais.¹⁸

Ressalta-se que a mesorregião Oeste é maior bacia leiteira de Santa Catarina, apresentando uma produtividade média de 4.299,72 litros/vaca/ano em 2019. Apesar disso, a produtividade média de Orleans apresenta um valor considerável com relação as mesorregiões catarinenses, contudo ainda está longo de municípios como Tunápolis, São João do Oeste, Nova Erechin e, até mesmo seu vizinho, Braço do Norte (ver tabela 4 e 5).

¹⁷O Censo Agropecuário de 2006 apontou que de 643 estabelecimentos produtores de leite, 15 utilizavam ordenha mecânica e 4 fizeram transferência de embriões. Em 2017, o número de estabelecimentos produtores reduziu para 438, mas infelizmente, o Censo deste ano não disponibilizou dados aprofundados do emprego de tecnologia na produção.

¹⁸No trabalho de campo faltou verificar se, em determinado período, houve a renovação do plantel de vacas leiteiras, isto é, se foram adquiridas raças com características genéticas aprimoradas para elevar a produtividade média do rebanho.

Tabela 4 – Quantidade produzida, vacas ordenhadas e produtividade anual do leite por vaca: Mesorregiões catarinenses e município de Orleans (2019).

<i>Mesorregião e Município</i>	<i>Quantidade produzida/ano (em mil litros)</i>	<i>Vacas ordenhadas</i>	<i>Produtividade/vaca/ano</i>
Norte Catarinense	96.237	32.192	2.989,46
Planalto Serrano	101.749	39.074	2.604,00
Oeste Catarinense	2.351.848	546.977	4.299,72
Vale do Itajaí	212.305	80.567	2.635,13
Grande Florianópolis	33.770	23.187	1.456,41
Sul Catarinense	244.271	74.533	3.277,35

Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal (IBGE, 2019c). Elaboração: Otávio Cascaes, 2022.

Tabela 5 – Quantidade produzida, vacas ordenhadas e produtividade anual do leite por vaca nos municípios com maiores quantidades produzidas de leite *in natura* em Santa Catarina e o município de Orleans (2019).

<i>Municípios (SC)</i>	<i>Quantidade produzida/ano (em mil litros)</i>	<i>Vacas ordenhadas</i>	<i>Produtividade/vaca/ano</i>
Braço do Norte	57.232	14.308	4000,00
Cunhataí	15.500	3.380	4585,79
Iporã do Oeste	53.595	12.500	4287,60
Itapiranga	68.780	13.820	4976,84
Marema	20.800	4.500	4622,22
Nova Erechin	15.215	3.100	4908,06
São João do Oeste	63.127	11.935	5289,23
Tunápolis	49.000	9.200	5326,08
Orleans	20.600	6.450	3.193,79

Fonte: Pesquisa Pecuária Municipal (IBGE, 2019c). Elaboração: Otávio Cascaes, 2022.

Contudo, antes de elaborar políticas públicas (seja estadual ou municipal), deve-se analisar a demanda do mercado de laticínios e a disponibilidade dos produtores rurais para que os esforços encontrem êxito. O estado de Santa Catarina enfrenta a necessidade premente de conceber um projeto que promova o desenvolvimento das capacidades intrínsecas de suas

diversas regiões, de modo que cada município possa desempenhar, de maneira coordenada e organizada, um papel específico na divisão territorial do trabalho. Caso as políticas públicas persistam em seguir a orientação do mercado, em detrimento de uma abordagem na qual o Estado direciona em conjunto o mercado, a desordem continuará a prevalecer, o que, por sua vez, complicará sobremaneira a tarefa de integrar harmoniosamente o território catarinense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gênese da produção de fumo e leite em Orleans, tem início com a chegada dos colonizadores europeus, sobretudo italianos, no final do século XIX. No entanto, estas atividades passaram a se desenvolver com maior pujança a partir da introdução dos sistemas integrados na segunda metade do século XX. Até então, a produção e produtividade destas culturas era baixa se comparada aos padrões atuais. A incorporação de novas técnicas e tecnologia ao campo alavancou a produtividade, embora ainda exista um longo caminho a percorrer para alcançar a fronteira do conhecimento tecnológico. Dessa forma, as instâncias executivas do Estado (governo federal, estadual e municipal) podem coordenar um projeto que permita explorar o melhor de cada município para elevar a sua capacidade produtiva tendo o futuro como horizonte. Isto posto, acredita-se que os resultados obtidos foram satisfatórios, abordando assuntos inéditos ao município e abrindo novos caminhos para futura investigação

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. F. **As Comunidades rurais e o seu novo significado como lugar a partir da introdução dos sistemas de produção integrada em Orleans-SC**. 2006. Trabalho de Dissertação de Mestrado (Geografia) – Instituto de Geociência, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8501> . Acesso em: 28 de jan. 2022.

BARROS, D. M. **Percepção x realidade**. 1 ed. São Paulo Matrix, 2021.

DALL'ALBA, J. L. **Colonos e mineiros no grande Orleans**. Florianópolis: Lunardelli, 1986.

DALL'ALBA, J. L. **Pioneiros nas terras dos condes**. 2 ed. Orleans: Gráfica do Lelo, 2003.

DELGADO, G. C. Capital e Política Agrária no Brasil: 1930-1980. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; SUZIGAN, Wilson (ORGs). **História Econômica do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: HUCITEC, 1997.



DUTRA, É. J.; HILSINGER, R. A Cadeia produtiva do tabaco na região Sul do Brasil: aspectos quantitativos e qualitativos. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 3, p. 17-33, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/geografia/article/view/12490> . Acesso em: 24 de jan. 2022.

FAO. 2022. Dairy Market Review: **Emerging trends and outlook 2022**. Rome. Disponível em: <https://www.fao.org/markets-and-trade/publications/detail/en/c/1624655/> . Acesso em: 02 de out. 2023.

FAOSTAT (2021). **Food and Agriculture Organization of the United Nations**. 2021. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/en/#data/QCL/visualize>. Acesso em 02 de out. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULARTI FILHO, A. **Portos, ferrovias e navegação em Santa Catarina**. Editora UFSC, 2013.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. Campinas: Unicamp/IE, 1996.

IBGE. **Censo agropecuário de 1960**. Rio de Janeiro, 1967.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html>. Acesso em: 19 de out. 2022.

IBGE. **Censo agropecuário de 1970**. Rio de Janeiro, 1975.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html>. Acesso em: 19 de out. 2022.

IBGE. **Censo agropecuário de 1980**. Rio de Janeiro, 1983.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html>. Acesso em: 19 de out. 2022.

IBGE. **Censo agropecuário de 1995/96**. Rio de Janeiro, 1997.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html>. Acesso em: 19 de out. 2022.

IBGE. **Censo agropecuário de 2006**. Rio de Janeiro, 2006.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html>. Acesso em: 19 de out. 2022.

IBGE. **Censo agropecuário de 2017**. Rio de Janeiro, 2017.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html>. Acesso em: 19 de out. 2022.

IBGE. **Censo Demográfico de 1950**. Rio de Janeiro, 1955. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html>. Acesso em: 19 de out. 2022.

IBGE. **Censo Demográfico**. Tabela 4709 - População residente, Variação absoluta de população residente e Taxa de crescimento geométrico. 2022. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/4709>. Acesso em: 03 de out. 2023.

IBGE. **Contas Nacionais e Regionais**. Tabela 5938 - Produto interno bruto a preços correntes, impostos, líquidos e subsídios, sobre produtos a preços correntes e valor adicionado bruto a



preços-correntes total e por atividade econômica, e respectivas participações - Referência 2010. 2019a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/5938>. Acesso em: 03 de out. 2023.

IBGE. **Pesquisa Agrícola Municipal.** Tabela 5457 - Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras temporárias e permanentes. 2019b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/74>. Acesso em: 19 de out. 2022.

IBGE. **Pesquisa Pecuária Municipal.** Tabela 74 - Produção de origem animal, por tipo de produto. Tabela 94 - Vacas ordenhadas. Tabela 95 - Ovinos tosquiados. Tabela 3939 - Efetivo dos rebanhos, por tipo de rebanho. 3940 - Produção da aquicultura, por tipo de produto. 2019c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/74>. Acesso em: 19 de out. 2022.

IBGE. **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura.** Tabela 291 - Quantidade produzida e valor da produção na silvicultura, por tipo de produto da silvicultura. 2019d. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/291>. Acesso em: 19 de out. 2022.

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). **Convenção-Quadro para Controle do Tabaco:** texto oficial. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//convencao-quadro-para-controle-do-tabaco-texto-oficial.pdf>. Acesso em: 29 de nov. de 2022.

MANDEL, E. **Introdução ao marxismo.** Tradução de Mariano Soares. Porto Alegre: Movimento, 1982.

MAMIGONIAN, A. **Estudo geográfico das indústrias de Blumenau.** *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 389-481, jul./set. 1965.

MAMIGONIAN, A. **Vida regional em Santa Catarina.** *Orientação* (São Paulo). São Paulo, n. 2, p. 35-38, 1966.

MAMIGONIAN, A. **Indústria. In: SANTA CATARINA. GAPLAN.** Atlas de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1986.

MAMIGONIAN, A. **Santa Catarina:** Estudos de Geografia Econômica e Social. Florianópolis: GCN/UFSC, 2011.

MONTANHA, O. C. **A industrialização do município de Orleans (Santa Catarina).** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia Bacharelado) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a3/0000a320.pdf> Acesso em: 31 de out. 2023.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAULILO, M. I. S. **Produtor e agroindústria:** consensos e dissensos: o caso de Santa Catarina. Editora da UFSC, 1990.



SANTOS, E. S. **O efeito da convenção-quadro na produção de tabaco brasileiro**: uma análise do período entre os anos 1999 e 2018. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Econômicas), Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz, 2019.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**. n. 54, 1977.

SOUZA, C. O. **Orleans na economia da colonização: a cultura do fumo na região de Orleans e suas implicações sociais**. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://sil0.tips/download/celso-de-oliveira-souza-orleans-na-economia-da-colonizaa0-a-cultura-do-fumo-na-r> . Acesso em: 08 de ago. 2021.

SOUZA, J. J. **O complexo agroindustrial de laticínios no Brasil**: o caso da região Sul. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2014.

VIEIRA, M. G. E. de D.; PEREIRA, R. M. F. do A. **Latifúndio Pastoril e Pequena Produção Mercantil**: O Caso do Brasil Subtropical. In: Revista de Geografia Econômica, n. 3. Florianópolis: Departamento de Geociências, 2009

VOGT, O. P. **A produção de fumo em Santa Cruz do Sul - RS (1849- 1993)**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.